

Trabalho, cidadania e cultura em uma comunidade fabril (1930-1960)

Juçara da Silva Barbosa de Mello*

Resumo: Os homens e mulheres, trabalhadores têxteis de Santo Aleixo, marcados por experiências na militância ou não, se posicionaram diante das conjunturas político-sociais, manifestando suas concepções e atuando ativamente sobre os rumos de sua própria história – de forma relacional e conflituosa – a partir do lugar comum que ocupavam no trabalho fabril, mas também dos diferentes papéis sociais definidos pelo gênero, pelas hierarquias sócio-profissionais, enfim, pela singular subjetividade que, ao ser considerada, descarta uma visão homogênea e indiferenciada do grupo.

Palavras chaves: Trabalho, cultura, cidadania

Abstract: The men and women, textile workers of Santo Aleixo, marked by experience in activism or not, positioned in front of the and social conjunctures, expressing their ideas and actively working on the course of their own history - in a relational and conflictuous manner - from the common place they occupied in manufacturing employment, but also the different social roles defined by gender, by socio-professional hierarchy, finally, by the particular political subjectivity that, when considered, discard a vision of homogeneous and undifferentiated to the group.

Key words: Work, culture, citizenship

I) Trabalho e cidadania: uma comunidade em foco

Em que sentidos e direções desejamos transformar o mundo, ou: nossas pesquisas implicam transformação? Corremos o perigo de esquecer que o sujeito e o objeto de nossas pesquisas são seres humanos? Não deveríamos correr esse risco, pois são pessoas – não o “trabalho”, mas homens e mulheres trabalhadores reais (...) – o que nosso estudo focaliza. Para muitos de nós o objeto final de nosso trabalho é criar um mundo no qual os trabalhadores possam fazer sua própria vida e sua própria história, ao invés de recebê-las prontas de terceiros, mesmo dos acadêmicos. [1973] (HOBSEBAWM, 2000: 30)

Santo Aleixo foi palco de significativas práticas sociais e relações culturais engendradas a partir da centralidade do trabalho fabril. Uma configuração sócio-cultural que representa além da formação de uma cultura específica, um universo de obras dinâmicas e concretas em cujo interior não há apenas continuidades e determinações constantes, mas também, tensões, conflitos e irresoluções, inovações e mudanças reais.

A precocidade e longevidade de duas empresas de porte significativo revestem este pequeno local da particularidade de abrigar duas fábricas (“dois clãs”) polarizando um único distrito operário. Caso primoroso para demonstrar como diferenciações e rivalidades internas

* Doutoranda no Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-RIO.

não coloca em xeque a construção de identidades de classe. A forte e complexa rede de sociabilidade e cultura operária coexistindo com uma intensa atuação militante, são aspectos que apontam para a expressividade de sua atividade industrial¹ (MELLO, 2008)

Em nossa análise, percorremos caminhos abertos por autores como E. P. Thompson, Raymond Williams, Eric Hobsbawm, entre outros, que entendem que os aspectos culturais, econômicos e políticos, apesar de contar com suas especificidades, não podem ser considerados de forma dissociada. Thompson, contrapondo-se a noção “ortodoxa” do conceito de classe como “coisa” *a priori*, lançou-se à análise de seu processo de formação, que, segundo o autor, se constitui “na relação sempre encarnada em pessoas e contextos reais” (THOMPSON, 1987: 10).

A análise da memória individual e coletiva, das práticas de trabalho e suas condições sociais exigem uma utilização da documentação histórica em conjunto com uma análise da memória social destes trabalhadores. Procedimento que nos levou a trilhar um caminho em que se entrecruzam análises antropológicas e historiográficas. Esta junção contribui para lançar luz à ação dos trabalhadores em processos como o da história do trabalho e o da conquista da cidadania no Brasil.

Como historiadores sociais, não negamos a importância das ações organizadas e dos movimentos institucionalizados como importantes formas de atuação política dos trabalhadores, apenas focalizamos uma outra dimensão que é tão legítima quanto esta. A dimensão em que se torna possível uma análise do modo como trabalhadores anônimos vivenciaram suas próprias experiências e o que pensavam sobre elas. Enfim, sobre as ações e representações constituintes de uma história descrita pelos próprios atores que a protagonizaram, do que resulta uma visão mais abrangente sobre o multifacetado mundo do trabalho.

A militância comunista mostrou-se como um dos aspectos marcantes no cotidiano do operariado de Santo Aleixo. Geradora de representações ao mesmo tempo diversas e complementares, constituindo-se em foco de divergências e convergências percebidas nos depoimentos e que se apresentam como reflexo do complexo mundo dos trabalhadores, marcado por experiências de consenso, resistência e tensão entre seus participantes. É o que parece apontar a fala da operária: “A gente trabalhava, lutava. Mas quem lutava não eram esses aí que estão bem não, quem lutava era a gente. Esses que estão bem não lutavam nada não” (SOUZA, 2007)

¹ A dissertação de mestrado da autora deste artigo consta de uma pesquisa acerca da centralidade do trabalho fabril no distrito de Santo Aleixo, no período que se estende da década de 1930 a finais de 1960. Momento no qual formou-se uma complexa rede de sociabilidades que coexistiu com intensa atuação militante, aspectos intensamente discutidos em nosso estudo.

Não obstante sua reconhecida importância, o caráter desses mundos do trabalho não deve ser compreendido unicamente a partir da análise de sindicatos, partidos e militantes “ocupantes das altas cúpulas das lideranças operárias”. Estes, segundo Gomes, militantes renomados, geralmente autores de livros de memórias que se constituem na maior parte dos documentos existentes sobre as experiências políticas da classe trabalhadora no Brasil.

Os autores, nestes casos, foram em geral grandes líderes do movimento operário brasileiro, ainda que alguns não possam ser identificados exatamente como trabalhadores. Conversar com pessoas que efetivamente vieram do mundo do trabalho e exerceram uma militância quase anônima constitui uma experiência inovadora. (GOMES, 1988: 8)

A experiência inovadora à época citada por Gomes foi sendo explorada ao longo dos anos, originando trabalhos que vêm ampliando consideravelmente o entendimento acerca da natureza plural dos complexos processos que envolvem a atuação política dos trabalhadores.

II) Dissonâncias e afinações no “coro” militante

No estudo do grupo de operários militantes de Santo Aleixo, observamos que no cotidiano e no convívio com a comunidade, estes estiveram efetivamente imbricados ao universo fabril, do que decorreram vivências impregnadas por uma cultura própria. A militância sindical e partidária em Santo Aleixo, contou com a atuação de participantes de perfis heterogêneos: operários de alto e baixo escalão, homens e mulheres, vinculados ou não às associações recreativas ligadas às fábricas. A circulação entre as instituições recreativas e patronais, o Partido Comunista e o Sindicato, caso do Sr. Paulo Lopes, aponta para a evidência de que “muitos trabalhadores, implicados no usufruto do lazer [...] estavam ativamente engajados com a meta de uma sociedade mais justa na qual receberiam o ‘reconhecimento’ e a ‘recompensa’ devidos” (KIRK, 2004: 67). Tal constatação aponta para a necessidade de relativização da noção que aponta os operários consumidores do lazer oferecido pelas empresas como suspeitos de alienação e passividade.

Eu nunca saí em bloco não, até dançava né, mas nessas coisas sempre fui muito moderada, nunca fui muito chegada. Seu Paulo é que gostava muito de carnaval. Esse sofreu muito também, antes de 64. Ele era do Sindicato, e na época que caçou o Partido Comunista ele foi preso e sofreu muito. Aqui em Santo Aleixo tinha essas coisas todas. Tinha banda de música, bloco de carnaval, futebol, tinha isso tudo, mas eu nunca participei não, só olhava assim, mas não participava não, eu era mais da luta mesmo! Algumas pessoas que participavam dessas coisas não estavam interessadas na luta [...] Só ficavam lá se distraíndo, e quando a coisa apertava um pouquinho já iam logo se afastando. (SOUZA, 2007)

Não obstante o próprio Sindicato utilizar as estratégias de oferecimento de atividades recreativas com fim de aproximar “a cultura militante da cultura não militante” (BATALHA, 2000:66), [...] pra você ter uma idéia, para ter ligação com a massa, nós promovíamos todos os sábados e domingos um baile na sede do Sindicato”(SANT’ANNA, 2006) a fala da operária Lúcia, denota uma característica comum entre alguns trabalhadores militantes que viam com desconfiança o envolvimento dos operários em atividades de lazer oferecidas pelos empresários fabris. Ao mesmo tempo parece querer justificar o fato de seu companheiro Paulo Lopes estar envolvido em atividades recreativas, apontando imediatamente sua participação nas atividades sindicais e partidárias, de uma forma semelhante a que o próprio Paulo Lopes apresenta.

Fui preso, tirado de dentro da fábrica [...] em 48, quando cassaram o partido. Me tiraram de dentro da fábrica, me levaram pra delegacia, e aí o “pau comeu”. Depois me jogaram dentro de um carro, me jogaram no mato e me bateram muito, depois me levaram pra Niterói e eu fiquei preso lá três dias [...] Graças a Deus passei por tudo isso, mas não tenho arrependimento de nada que fiz. Eu lutei pra mim e pros meus amigos.(LOPES, 2005)

Tanto Paulo Lopes quanto Lúcia de Souza falam com orgulho das lutas à frente do operariado de Santo Aleixo. Hoje já idosos aparentam satisfação com relação as suas ações e escolhas do passado.

Graças a Deus, sou feliz. Não tenho arrependimento de nada do que fiz na minha vida, das lutas que participei como operária lutadora, não tenho arrependimento de nada! Sempre gostei muito do trabalho! Sempre fui muito grossa, muito braba, mas dei conta do meu recado. E graças a Deus, com 87 anos, tirei meu tempo de trabalho todinho, lutei ao lado dos trabalhadores, e estou aqui graças a Deus. Agora estou só esperando a “chamada”. Tenho até uma passagem do apostolo Paulo no livro de Timóteo que eu quero que leiam: “combati o bom combate, acabei a carreira e guardei a fé”. (SOUZA, 2007)

De certa maneira, o contexto político atual, no qual contamos com um ex-operário e sindicalista na presidência do país, contribuem para dar sentido e significado as identidades desses trabalhadores, vivificando em suas memórias o passado de lutas, e fazendo aflorar um sentimento de êxito: “Não tenho arrependimento de nada, minha missão foi cumprida”. (SOUZA, 2007)

Eu sou a favor do trabalhador até depois de morta, sou Lula doente. Gosto de Lula. Lula ta fazendo as coisas que a palavra de Deus manda, gente! Infelizmente muita gente ao lado dele tá se aproveitando por conveniência própria, não tem amor pela causa. Mas ele tem, ele tem, coitado! Nem Jesus agradou todo mundo. Muita gente não aceita o governo dele porque ele, em vista dos outros, é analfabeto, negro, cotó, (faltando um dedo), operário e nordestino. Chegar a presidência no primeiro mandato e no segundo mandato! Têm pessoas que não aceitam né, o que puder jogar em cima dele jogam, e ainda com pessoas ao lado dele escandalizando! Mas ainda assim eu sou com ele até depois de morta! (SOUZA, 2007)

Análoga em sua essência às declarações de D. Lúcia, porém, em um tom menos apaixonado, estão às declarações do sindicalista comunista José Rodrigues, para o qual, “[...] Hoje nós temos um país que, você olhando assim pela História, retrata o valor das lutas do passado [...] Se não fosse nosso trabalho antigo, não teríamos hoje uma esquerda com força política”. E prossegue afirmando:

O Lula teve 85% de votação na eleição, tem força política disparada! [...] O Lula é uma peça da história social e nós temos que passar por ele. Meu sentimento de alegria ao ver Lula presidente foi o de perceber que vem gente melhor por aí. Olha ainda me considero operário, com cabeça operária, mas o meu orgulho de ver o Lula não foi por ele ser operário, mas porque ele representava o melhor processo possível. Sempre avalio qual o melhor processo para aquele momento [...] Tem que escolher os meios para atingir os fins! (SANTANA, 2006)

A atuação em lutas constantes envolvendo questões relativas ao processo de trabalho, e ainda pela concessão e ampliação de benefícios, tornava esses operários militantes, semelhantes a soldados cuja batalha era travada no campo do adversário. Essa situação exigia que o militante fosse, antes de tudo, um profissional exemplar. O operário Paulo Lopes recorda com orgulho que “[...] trabalhava mesmo, era pra chegar 7 horas, eu chegava 6:30, e a minha seção era a que mais produzia [...]” (LOPES, 2006).

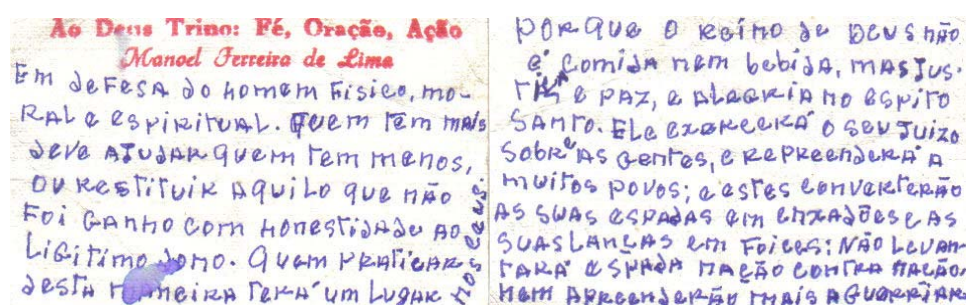
Eu graças a Deus sempre andei pontual, cuidava do meu serviço e não andava com mentira. Os operários que eram contra a gente é que inventavam doença, mentira pra ficar sem trabalhar e ganhar o dia, mas eu nunca fiz isso! Tinha um gerente na fábrica que era muito ruim, o apelido dele era Pouca Roupa. Uma vez ele me chamou no escritório pra apertar essa mão aqui! Sabe por quê? Porque eu fazia o trabalho bem feito. (SOUZA, 2007)

É assim que no *kosmos* fabril o trabalho ocupa uma dimensão central, não só do ponto de vista utilitarista, mas refletindo também no campo das subjetividades, em que atuam valores, crenças, afetividades e tradição. Neste sentido, portanto, funciona como aspecto central na definição dos papéis sociais, constituindo-se como elemento essencial de toda a dinâmica social.

Em diversos momentos de sua entrevista, D. Lúcia fazia questão de falar a respeito de seu marido, “também um lutador” que chegou a ocupar o cargo de vereador na década de 1950, mais especificamente no pleito municipal de 1954. Manoel Ferreira de Lima foi operário das duas fábricas de Santo Aleixo, e tornou-se um importante líder rural no município. Após cumprir o mandato de vereador, partiu “para Cachoeira de Macacu e passou a lutar pela desapropriação de fazendas”. Na época da Revolução de 1964, já estava com

prisão preventiva decretada, por já ser conhecido como comunista e pela participação em diversos movimentos ao lado dos trabalhadores.

Meu marido fazia campanha, mas a campanha dele era toda a favor do trabalhador [...] Ele só fazia campanha política baseada na palavra de Deus. Meu marido era político com honestidade. Ele fazia uns cartõezinhos com o capítulo 5 de Tiago, e distribuía para o povo. Ele gostava muito porque nesse capítulo chama a atenção dos ricos. Outro foi Neemias, no capítulo 5 também. Neemias viu todo o sofrimento daquele povo, e teve coragem de chamar a atenção dos poderosos, porque a maldade vem dos poderosos meu Deus! Você vê, nós estamos no século XX, né? A gente ainda vê trabalho escravo. Que horror meu Deus! E o povo de Deus aceitando isso, mas a palavra de Deus condena isso! A gente tem que falar isso! E Neemias viu o sofrimento daquele povo, e chamou a atenção dos poderosos. Ninguém fala disso, mas meu marido falava. Falava e escrevia. (SOUZA, 2007)



Documento (66). Cartão manuscrito por Manoel Ferreira de Lima para distribuição em sua campanha eleitoral. [entre 194- e 195-].

Segundo o que fora registrado por Sant’Anna, “Manoel Ferreira de Lima, líder rural, diácono da igreja batista, vivia buscando na Bíblia similitudes com o marxismo” (SANT’ANNA, 1997:156). De acordo com informações da família, Manoel Ferreira de Lima foi um dos precursores das Ligas Camponesas no Rio de Janeiro, e presidente da então Associação de Lavradores, atual Federação dos Trabalhadores Rurais do Rio de Janeiro (FETAG). Durante sua vida lutou junto aos camponeses por melhores condições de trabalho e viveu o ideário político que marcou a história dos movimentos sociais no campo. Fato que, posteriormente, em 1989, pouco antes de morrer, lhe garantira ser agraciado com a medalha Chico Mendes (GRUPO TORTURA NUNCA MAIS, 2008)

Refletindo sobre os depoimentos de D. Lúcia a seu próprio respeito, e a respeito das ações e atitudes de seu marido somos levados a considerar, assim como Gomes, que os interesses utilitaristas, embora sejam presentes, não funcionam isoladamente como desencadeadores de ações e reações coletivas. Estas ocorrem a partir da constituição de uma identidade comum que superando tais interesses, enfatiza um conjunto de valores e tradições solidários (GOMES, 2005:22-23), permanentemente construídos e reconstruídos nos diversos níveis das relações sociais.

III) O lugar da história e da memória operária

Consideramos, como Thompson, que a construção de direitos perpassa a própria formação da classe trabalhadora, e deita raízes nas características peculiares assumidas pelas suas configurações em diferentes contextos históricos. . A tradução de processos históricos particulares e sua inserção em contextos mais amplos, como o da história do trabalho e a conquista da cidadania, exigem o cuidado de que o traduzido não perca aquilo que define sua identidade. Neste sentido, um aspecto tornou-se para nós especialmente enriquecedor: a possibilidade de poder compartilhar o gosto que tudo isso deixou na memória de alguns destes trabalhadores, homens e mulheres comuns, que realmente viveram esta experiência.

Contudo, a relevância atribuída às experiências desses trabalhadores não repousa no desnudamento de processos particulares e já finalizados, mas na noção de que as pesquisas sobre a história e a memória operária, sobretudo as que fazem referência ao período que se segue após 1930, se colocam mais do que nunca como prerrogativa para compreensão da dinâmica que hoje se opera nos mundos do trabalho. As mudanças sócio-econômicas, políticas e culturais que vêm se processando nos últimos anos, não devem ser analisadas a partir de seu texto final, e muito menos se negligenciando o papel central do trabalho e da classe trabalhadora nesses “jogos entre forças e tempos confusos”. (CERTEAU, 2007: 310)

Esse trabalho e seus jogos só se tornaram invisíveis de onde, na distância de uma classe que se “distinguiu” do resto, a observação só capta a relação entre o que ela quer produzir e o que lhe resiste. A cidade, o bairro, o imóvel não são aliás os únicos a fazerem funcionar juntos os fragmentos de estratos heterogêneos. A menor frase da linguagem comum “anda” da mesma maneira. Sua unidade semântica opera a partir de equilíbrios tão sutis, aos quais uma análise sintática ou léxica superimpõe um quadro superficial, o de uma “elite” que toma seus modelos pela realidade (CERTEAU, 2007: 310)

Esses são desafios que agora se lançam, entre os quais se inclui o de “desvendar” os mecanismos que compõem a “nova ordem”, não esquecendo que “(...) sob a escritura fabricadora e universal da tecnologia subsistem lugares opacos e teimosos. As revoluções históricas, as mutações econômicas, aí se estratificaram e aí permanecem, ocultos nos costumes, nos ritos e práticas espaciais” (CERTEAU, 2007:309)

A importância atribuída a toda e qualquer mudança nas formas culturais se justifica pelo lugar fundamental que a cultura ocupa na marcação da diferença e, portanto das identidades. O estudo dos processos que levam a formação das identidades coletivas deve considerar – como menciona Gomes – que seus discursos são capazes de “produzir uma área

de igualdade” no interior de um espaço definido que “ênfatiza um conjunto de valores e tradições solidários” (GOMES, 2005)

As práticas geradoras de transformações concretas podem advir de discursos produzidos nessas “áreas de igualdade”, em que homens e mulheres trabalhadores se identificam como um ator coletivo atuando na construção de sua própria história e na história de nosso país.

O que eu tenho pra mim tá bom demais, eu não quero mais nada. Eu fico muito preocupada é com quem não tem nada, aquela miséria! As pessoas estão na miséria porque querem? É porque é malandro? Não é meu Deus! Muita gente já é explorada de nascença. As pessoas estão na miséria desde que nascem! Os poderosos aproveitam, acham que é isso mesmo, acham que tem que trabalhar pra eles. Os sacrificados trabalham, os filhos, os netos... tudo sacrificado, tudo desdentado, aquela geração! E os filhos de seus fulanos, vão estudar em bons colégios, no exterior, e ainda vem mandar no nosso país. (SOUZA, 2007)

IV) fontes:

Entrevistas:

Concedidas à autora:	Data:
Paulo Lopes	05/01/2005
Lúcia de Souza Lima	10/10/2007
Concedidas a Felipe Augusto dos Santos Ribeiro:	Data:
Irun Sant'Anna	06/04/2006
José Rodrigues Santana	04/08/2006

GRUPO TORTURA NUNCA MAIS. – *Medalha Chico Mendes* – Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.torturanuncamais-rj.org.br>. Acesso em: 15 abr. 2008

V)Referências bibliográficas:

BATALHA, Cláudio H. M. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetória e Tendências. In: Mário Cezar (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (orgs). *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

_____. *O Movimento Operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2000.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOMES, Ângela de Castro (org); FLAKSMAN, Dora Rocha; STOTZ, Eduardo. *Velhos Militantes*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1988.

_____. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

_____. *A invenção do trabalhismo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa. *Identidade, memória e história em Santo Aleixo: aspectos do cotidiano operário na construção de uma cultura fabril*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). São Gonçalo: UERJ/FFP, 2008

SANT'ANNA, Irun. *Brasil: País sem Futuro?* Rio de Janeiro: Imprimatur, 1997.